

Valor

EU & FIM DE SEMANA



Oswald, único e múltiplo

Homenageado na Flip e em exposições, o modernista antropofágico ganha novas leituras de sua obra



Oswald de Andrade, em retrato pintado por Tarsila do Amaral: sua antropofagia é vista hoje como um conceito, na esfera ideológica, que atualiza a questão da globalização

REPORTAGEM DE CAPA

Instigante, polêmico, provocativo, Oswald de Andrade revive em eventos, começando pela Flip, que celebram a perene atualidade de sua obra. Por **Rachel Bertol**, para o Valor, do Rio

Um eterno anti-herói

Em 1924, o modernista Oswald de Andrade lançou uma de suas principais obras, o romance vanguardista "Memórias Sentimentais de João Miramar". A linguagem era a tal ponto original que Oswald criou um personagem na própria história, Machado Penumbra, que busca compreender o protagonista. "Será esse o brasileiro do século XXI?", pergunta-se ele, intrigado.

O livro, segundo o poeta concretista Haroldo de Campos, representa "o verdadeiro 'marco zero' da prosa brasileira contemporânea, no que tem de inventivo e criativo". Mesmo assim, houve apenas uma edição ao longo da vida do autor, que morreu em 1954, esquecido e empobrecido, embora tivesse herdado do pai uma das maiores fortunas de São Paulo. A pergunta de Penumbra, no entanto, voltará a ecoar nas discussões da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que, em sua nona edição, entre os dias 6 e 10 de julho, presta homenagem ao herói modernista. A festa renova o desafio: será Oswald, o autor do "Manifesto Antropófago" de 1928, na realidade um brasileiro do século XXI?

Antonieta Marília de Andrade, filha do escritor, não tem dúvida de que Oswald estava à frente do seu tempo. Quando criança, lembra-se de vê-lo muito isolado. O convite da

Flip a pegou de surpresa. "Fiquei muito emocionada." Entre os escritores já homenageados no evento (Machado de Assis, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, por exemplo), Oswald continua, possivelmente, a ser o menos conhecido de um público mais amplo. Apesar de ser celebrado em círculos intelectuais há muitos anos — especialmente a partir da histórica montagem de "O Rei da Vela", uma de suas peças, realizada em 1967 por José Celso Martinez Corrêa, no Teatro Oficina. O diretor foi convidado para ir a Paraty este ano, mas sua participação ainda não foi confirmada. O novo curador da programação da Flip, jornalista Manuel da Costa Pinto, observa: "É a oportunidade de iluminar a obra de um autor que ainda apresenta aspectos inexplorados. Depois de uma absoluta centralidade, entre as décadas de 1920 e 1940, ele acabou obscurecido e foi resgatado sobretudo pelo Zé Celso. Oswald foi muito importante para a poesia concreta, a Tropicália e o Cinema Novo. Mas, dos homenageados até o momento na Flip, é aquele com mais fios a serem atados. Nós o escolhemos porque sua obra é muito aberta".

Não apenas por causa da Flip, 2011 promete ser um ano importante para Oswald. Logo depois do evento, também em julho, o Museu da Língua Portuguesa vai inaugurar uma exposição sobre o autor. Um dos cura-

dores da mostra é o músico José Miguel Wisnik, professor de literatura da Universidade de São Paulo (USP). Conectando os dois eventos, Wisnik foi convidado para abrir os debates na Flip e voltará à festa literária pela quarta vez, nesta edição, provavelmente acompanhando Antonio Candido. Embora raramente participe de debates públicos hoje, o crítico teria aceitado abrir uma exceção para homenagear seu grande amigo. Segundo Marília de Andrade, Candido foi um dos poucos que se mantiveram fiéis a seu pai até o fim. Costa Pinto diz que será "um sonho" se ele de fato participar da abertura.

"Este é um momento novo de releitura de Oswald", assinala Wisnik, escalado ainda para realizar o show de abertura da Flip, com o espetáculo Zé & Celso. No repertório, há canções criadas por ele em parceria com Celso Sim para o Teatro Oficina.

Na Flip, haverá outra exposição sobre Oswald, onde será possível ver, além de fotografias, a primeira edição de obras como "Pau-Brasil", lançada com desenhos e capa da pintora Tarsila do Amaral, com quem o autor foi casado nos anos 1920. Haverá dois núcleos na exposição: um organizado pela Flip e outro, pela Casa Guilherme de Almeida, que destacará a relação de Almeida com Oswald. Depois da Flip, todo esse conjunto poderá ser vis-

to na própria Casa Guilherme de Almeida, que, em parceria com o Museu da Língua Portuguesa, formará o circuito Oswald de Andrade de exposição em São Paulo. "É o primeiro paulista a inspirar uma exposição no museu. Sua obra tem caráter revolucionário, com grande contribuição para o português falado no Brasil", diz o diretor-executivo da instituição, Antônio Carlos Sartini.

A visualidade dos livros de Oswald chamou a atenção dos poetas concretistas no período de resgate de sua obra. Haroldo de Campos lamentava não ser possível reproduzir essa característica nas tiragens comerciais. E não se tratava apenas de beleza. "A poesia de Oswald de Andrade põe um novo conceito de livro", escreveu ele na introdução de "Pau-Brasil". Sua obra, diz Haroldo, "apontava para o futuro" — que se concretiza hoje por meio dos artefatos eletrônicos. Também para a mostra na Flip, o Instituto Moreira Salles (IMS) prepara um fac-símile virtual com partes do diário de "garçonnière" de Oswald, "O Perfeito Cozinheiro das Almas Deste Mundo", que poderá ser folheado no local.

A homenagem da Flip, porém, não deve eliminar a controvérsia em torno do nome do escritor, que, muito à maneira de Oswald, poderá até ser aguçada com o debate. Um dos líderes, com Mário de Andrade, da Semana de Arte Moderna de 1922, o autor continua a provocar divergência. A diferença é o enfoque, pois as primeiras análises, muitas ainda importantes, esbarravam no impacto causado por sua personalidade. O amigo Mário escreveu que "Oswaldo", "o mais curioso talvez dos modernistas brasileiros", vivia "entregando a alma como distribuidor de anúncios" e possuía "duas das maiores riquezas do artista: fé criadora e dom de divertir". Oswald era principalmente o "blagueur", tido como o "clown". Teve diferentes mulheres, quatro filhos, muitos inimigos e amigos. Viveu intensamente distintas fases criativas.

"Atualmente se lê a obra dele com muito menos rejeição. Não é fácil, devido à elaboração, mas é instigante. Oswald tinha senso enorme de autocrítica. Isso lhe custou muitas antipatias. Era polêmico, sempre capaz de se superar. E foi um renovador, como no seu pensamento sobre a dependência colonial e o lugar do Brasil no mundo", afirma o professor da USP Jorge Schwartz, coordenador da publicação das obras do autor pela editora Globo.

Serão lançados três livros pela editora em Paraty. "A Alegria é a Prova dos Nove" — título que é uma frase do "Manifesto Antropófago" —, tem introdução e organização do escritor Luiz Ruffato, com ditos de Oswald sobre questões como modernismo e comunismo. "Não



Oswald de Andrade, na época de projeção plena na vida intelectual brasileira: viriam depois tempos de obscuridade, antes de seu nome tornar-se importante para a poesia, a Tropicália e o Cinema Novo

se trata apenas de um livro de frases, pois isso soaria como autoajuda, mas de uma antologia para mostrar como suas ideias mudaram ao longo do tempo", explica Ruffato. "Sempre gostei muito do Oswald, grande influência para mim, mas terminei esse trabalho admirando-o muito mais. Antes, eu o via como um homem conflituoso, mas observei que é sempre de uma coerência absurda. Vivenciei profundamente a sua realidade. Quando se envolveu com o Partido Comunista [nos anos 1930], ele o fez apaixonadamente, e o mesmo se deu quando rompeu com o partido. Oswald não tinha medo de mudar. Sempre se posicionou contra o autoritarismo na política, contra a hipocrisia nas relações sociais e contra a mediocridade nas artes."

Os outros dois livros a serem publicados pela Globo integram a reedição da sua obra completa: "Estética e Política" e "A Utopia Antropofágica", no qual se inclui a tese "A Crise da Filosofia Messiânica", que Oswald escreveu tendo em mente um concurso para professor da USP. Segundo Schwartz, "o mais renovador atualmente na análise de Oswald é a esfera ideológica da antropofagia, que atualiza a questão da globalização".

A discussão sobre a globalização está presente em outro lançamento da Flip, o volume

"Antropofagia Hoje? Oswald de Andrade em Cena" (Editora É), com quase mil páginas, organizado por João Cezar de Castro Rocha, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Publicado inicialmente nos Estados Unidos, em 1999, o livro reúne textos de estrangeiros sobre a antropofagia oswaldiana. Será editado aqui pela primeira vez, acrescido de artigos de brasileiros.

"Quando fazia meu doutorado na Universidade de Stanford, em 1998, enviei o 'Manifesto da Poesia Pau-Brasil' e o 'Manifesto Antropófago', além de material bibliográfico sobre o modernismo, para especialistas em literatura, de diferentes países, que não conheciam Oswald. Sugeriu que, se lessem o conjunto e quisessem escrever a respeito, eu os publicaria. O resultado foi incrível. Não teria sido uma escolha natural para eles, mas produziram textos muito interessantes, a partir de uma perspectiva que não é a nossa", conta Castro Rocha, convidado da programação oficial da Flip.

A experiência permitiu ao professor pensar a antropofagia além do nacionalismo. A visão mais difundida é aquela que a define como uma metáfora do brasileiro, formada pela deglutição de influências variadas, que podem ser assimiladas ou rejeitadas. No ritual ameríndio, come-se o inimigo para absorver suas qualidades. Na coletânea que publica na Flip, Castro Rocha sugere outra leitura. Para o professor, não se deve mais pensar a antropofagia como intrínseca ao brasileiro, haja vista o sucesso que a ideia faz lá fora. "A bibliografia sobre a antropofagia cresceu muitos no exterior nos últimos 20 anos. Isso, porque oferece uma alternativa teórica para pensar o mundo globalizado, onde pessoas e mercadorias transitam o tempo todo."

No "Manifesto Antropófago", Oswald escreve: "Tupi or not tupi that is the question./ Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos./ Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago".

Segundo Castro Rocha, o gesto antropofágico, em direção ao outro, não permite a definição de uma identidade. Seria sobretudo uma técnica, ou um procedimento cultural, para assimilar o outro e a alteridade. "O antropófago é um sujeito à deriva, mas com uma imensa alegria de se saber assim, porque, como dizia Oswald, a alegria é a prova dos nove", destaca o professor, que vê o escritor como "um sujeito contemporâneo, cibernético, com imensa capacidade de processar dados".

A professora da USP Maria Augusta Fonseca, autora de "Oswald de Andrade - Biografia" (Editora Globo), entre outros livros a respeito do autor, lembra que suas ideias sempre inspiraram "uma questão viva, uma provocação".

Não era homem de gabinete: "Seu pensamento era dinâmico, trazia uma inquietação que se expressava na poesia, no romance, no teatro, no jornalismo, no ensaísmo".

Em sua opinião, o escritor tocou em pontos frágeis do Brasil: "O modernismo não foi superado. Nesse sentido, é importante voltar à obra de Oswald e à sua interpretação do país, que é riquíssima e ainda pode estimular muita reflexão. Ele foi um pioneiro no entendimento do Brasil como mistura, algo bastante contemporâneo. Essa consciência da diferença é forte em todo o modernismo e, claro, também no Mário de Andrade". A antropofagia, acredita a professora, continua uma "metáfora brilhante" e vital para a percepção da identidade brasileira.

No entanto, por ser uma "imagem tão forte", e aparentemente fácil, seria usada em excesso. "Corre-se o risco de apropriações indébitas." Se Oswald era um homem à frente do seu tempo, continua a sê-lo, inclusive no estilo, como diz Maria Augusta: "Sua vivacidade e seu requinte no uso da língua estão à frente, ainda, de muitos trabalhos no século XXI".

"O desafio de trabalhar com a obra de Oswald é imenso", completa o poeta e professor Eduardo Sterzi, outro convidado da Flip, autor de "A Prova dos Nove - Alguma Poesia Moderna e a Tarefa da Alegria" (Editora Lumme), em que há um ensaio sobre a alegria em Oswald. "Antonio Candido dizia que, pelas rasteiras que ele dava nos críticos do seu tempo, era de se imaginar quais não daria nos críticos do futuro."

Sterzi se inspira em referências como a do poeta Augusto de Campos e, mais recentemente, a do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro para destacar a força do escritor. Na opinião de Campos, a antropofagia seria "a única filosofia original brasileira". Já Viveiros de Castro a considera "a reflexão metacultural mais original produzida na América Latina", "a única contribuição realmente anticolonialista que geramos". Se Mário teria sido "o grande inventariante da diversidade, Oswald foi o grande teórico da multiplicidade", afirmou numa longa entrevista publicada em livro pela Editora Azougue.

"A alegria em Oswald é composta também de destruição. Não é uma alegria acomodada, apaziguadora. Ao contrário, opõe-se ao que ele via como errado. É sobretudo uma alegria política", define Sterzi, para quem Oswald reflete em toda sua obra sobre a história do Brasil. "Quando se fala que o brasileiro é um povo alegre, trata-se de uma visão conformista, conciliadora. Mas Oswald inverte esse clichê. A boca que ri é também a boca que devora. E devorar, na antropofagia, é transformar."